

“EXPERIÊNCIAS DE SUBJETIVIDADE EM POETAS MÍSTICOS: RÛMI E SAN JUAN DE LA CRUZ”

Alexandra Vieira de Almeida
UERJ

Tenho como objetivo nesta comunicação associar poesia e religião a partir da análise comparativa de dois poetas místicos: Djalâl-din Rûmi, poeta persa da mística sufi do século XIII; e San Juan de la Cruz, espanhol do século XVI. Ambos procuraram expressar através da poesia e de sua estruturação imagética experiências de subjetividade que relacionam o eu-lírico com uma representação mística que está fora do campo do real. Buscaram exprimir, assim, através da *poesis* a vivência íntima do objeto numinoso.

Relacionarei poesia e religião mística a partir do conceito de sublimação, não do ponto de vista estético, mas no campo teológico, definido pelo filósofo e teólogo alemão Rudolf Otto (1869-1927), na sua obra “O sagrado”, como a experiência “numinosa” da criatura perante o “*mysterium tremendum*”(o *tremendum* e o *fascinans*), que leva ao arrebatamento, ao êxtase místico como experiência paradoxal de plenitude e aniquilamento do ego. Rudolf Otto afirma: “O sentimento da minha dependência absoluta tem como pressuposto o da superioridade e o da inacessibilidade absolutas do objeto.”¹ A reação provocada na consciência pelo sentimento do objeto numinoso é a experiência subjetiva e intransferível desses poetas, pois o numinoso é o “excesso”, a força que cega e obscurece todos os conceitos a partir da luz da iluminação espiritual. Trabalharei com os poemas que tratam especificamente do simbolismo da luz, do fogo e da chama como imagens da erotização utilizadas por Rûmi e San Juan de la Cruz, no sentido de dar representabilidade à experiência subjetiva do contato com Deus (o caráter *numinoso* da experiência pessoal dos poetas místicos). San Juan de la Cruz disse: “Não basta ciência humana

¹ OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Edições 70, Lisboa, s/d; p. 20.

para o poder compreender, nem experiência para o saber dizer, pois somente quem por isso passa o saberá sentir, mas não dizer.”² Verei a poesia mística, não como mera busca de imagens, alegorias e metáforas, mas como uma vivência, uma experiência humana, que nos reporta à “teologia mística”, em que o caráter numinoso da experiência subjetiva desses poetas místicos está impregnada de elementos não-rationais e afetivos, contrariamente a uma “teologia escolástica”, de base especulativa, dogmática e sistematizada. A segunda hipótese sobre o teísmo dimensionou a possibilidade da experiência do objeto numinoso através da via mística. René Latourelle e Rino Fisichella afirmam:

“...a afirmação de Deus é possível só na transcendência em relação ao mundo. Tal é a resposta da religião vivida como mística e da teologia contemplativa; que sublinham o caráter transcendente da experiência religiosa, vivida principalmente como encontro com a santidade de Deus e como presença do mistério.”³

Assim, a teologia mística aproxima-se da poesia, pela predominância do elemento não racional na idéia de Deus, rompendo com a lógica natural. Comparada ao êxtase místico, a “imagem poética” viola as regras do pensamento discursivo, queimando as vestes de uma linguagem racional. A partir das imagens do fogo, da chama, do calor (visibilidade do Amor Divino), essa experiência paradoxal é erotizada tanto na linguagem poética quanto mística (definida por Octavio Paz em “A dupla chama: amor e erotismo”), que tenta dar uma corporalidade ao “numinoso”, àquilo que não pode ser representado, mas que pela via da erotização da linguagem poética, aproximamo-nos dessa experiência. Octavio Paz diz: “A poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação já é erotismo”⁴ e

² apud MOURA, Odilão. *S. João da Cruz, o mestre do amor*. – São Paulo: GRD, 1991, p. 45.

³ LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Dirigido por René Latourelle e Rino Fisichella; trad. de Luiz João Baraúna. – Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994, p.217.

⁴ PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 12.

que a poesia é o “testemunho dos sentidos.”⁵ Assim, o que une poesia, mística e erotismo é um elemento invisível que podemos chamar de imaginação ou desejo.

Como dar testemunho ao irrepresentável, ao que está além do campo do real e do racional? Só a partir da linguagem poética, que Emil Staiger em “Conceitos fundamentais da poética”, assim define: “...mas quanto mais lírica, tanto mais intocável.”⁶

O Sufismo representa a dimensão mística do Islã, sendo uma das mais importantes tradições do esoterismo muçulmano. Mircea Eliade afirma: “... os sufis eram anti-racionalistas ferozes; para eles o verdadeiro conhecimento religioso era alcançado através de uma experiência pessoal, que terminava numa união momentânea com Deus.”⁷

Dessa forma, Rûmî expressou essa experiência da mística sufi a partir de seus poemas fortemente erotizados, utilizando metáforas e versos extáticos do simbolismo profano e orgiástico da tradição. Uma das mais surpreendentes metáforas dessa união gira em torno do símbolo do fogo e os efeitos desse contato que deslizam gozosamente e dolorosamente no coração do amante, que banha-se na larva quente dessa fusão que aniquila o ego, que os místicos sufis chamam de *fanâ*. A realidade arrebatadora do fogo aterroriza, expressando seu caráter numinoso, e ao mesmo tempo fascina e atrai, demonstrando sua ambigüidade. O fogo é fascinante, arrebatador, seduz e atrai estranhamente. É o elemento dionisíaco do objeto numinoso. Essa linguagem de sensualidade e excesso é expressa em imagens intensas e palpáveis a partir do imaginário sexual, de metáforas eróticas e de uma liberdade expressa pelo poeta ao experimentar essa união íntima e

⁵ Idem, *ibid*, p. 11.

⁶ STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1975, p. 22.

⁷ ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas. De Maomé à Idade das Reformas. Tomo III*. Zahar Editores. RJ, 1984, p. 149.

peçoal que se dá pela palavra. Assim, Rûmî erotiza a linguagem para “traduzir” sua experiência do “mysterium tremendum”:

*Coração, arde em segredo.
Não fuja das duas chamas.
Arde de amor tua alma.
Porque tem sede de amor.*

*Se o desejo é luminoso,
o Universo, uma fornalha.
Se o amor é puro fogo,
homens não passam de lenha.*

*Já me lancei para o fogo
como a frágil mariposa,
igual ao Deus de Abraão.
Não sei mais sair da chama.⁸*

O perigo da intensidade da presença divina é o caráter terrificante do numinoso, que acende no poeta a centelha do “mysterium tremendum”, que torna o mundo ao mesmo tempo aterrorizante e fascinante, como reflexo de Seu rosto abrasador: *“Se a luz do véu abrasa esse Universo,/o que dizer do fogo de teu rosto?”⁹*

O sol tem um significado especial na poesia de Rûmî. É uma alusão ao seu mestre Shams de Tabriz, que representa um dos muitos aspectos do Amado. É o Bem Amado em forma humana, pois a ausência de Shams na vida de Rûmî representa a mesma busca de completude dos amantes em voltarem à origem, à fonte numinosa do Divino. Foi o desaparecimento de Shams, não obstante, que incendiou o fogo deste anseio em Rûmî: *“O Amor partiu meu leve coração/e o sol vem clarear minhas ruínas.”¹⁰* e *“O sol de Shams enfim torna imortal/aquele que recebe sua luz.”¹¹*

⁸ JALAL AD-DIN RÛMÎ, Maulâna (1207-1273). *A sombra do amado. Poemas de Rûmî*. (organizado por Marco Lucchesi). – Rio de Janeiro: FISUS, 2000, p. 67.

⁹ Idem, ibid, p. 29.

¹⁰ Idem, ibid, p. 29.

¹¹ Idem, ibid, p. 69.

Shams, em árabe, significa “sol”, e essa imagem revela o tom de intimidade e proximidade e ao mesmo tempo de afastamento da poesia ardente de Rûmi, que nos quer fazer ouvir a voz do desejo do Amado.

Rûmi viveu os sofrimentos dos amantes, a separação do amante que se quer ver aniquilado, destruído por essa chama que abrasa os corações dos ébrios de amor: *O coração aprende com Seu fogo/a chama imperturbável desse amor.*¹²

Para Rilke, “ser amado significa consumir-se na chama; amar é luzir de uma luz inesgotável.”¹³ A ambigüidade do símbolo do fogo é que ele está dentro de nós e fora de nós. Compõe nossa estrutura que deseja ardentemente a plenitude e ao mesmo tempo nos leva ao “totalmente outro”, ao *mirum*, definido por Rudolf Otto como o inefável. Assim, em Rûmi, temos o apagamento do ego perante o objeto numinoso a partir do fogo e da chama, que demonstram a grandeza do caráter terrificante, do “tremendum” do numinoso. O ardor devorador e a impetuosidade desse amor reproduzem-se na imagem do fogo – aproximação a qual o místico mal pode suportar esmagado por esse poder. Um amor que “devora” e “queima”, que aterroriza e que fascina pelo seu poder inatingível e incompreensível ao conhecimento lógico e sistematizado.

Segundo Gaston Bachelard : “O que se conhece primeiramente do fogo é que não se deve tocá-lo.”¹⁴ Dessa forma, o devaneio diante do fogo é uma “experiência fortemente sexualizada”¹⁵, como afirma Bachelard. Fogo e amor: duas expressões de uma mesma experiência, erotizada para poder se fazer presente, concreta nos versos ardentes da poesia:

*Mostra teu rosto de chamas,
Amado, pois me consumo
de alegria; e tu perguntas:*

¹² Idem, *ibid*, p. 75.

¹³ apud BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 156.

¹⁴ Idem, *ibid*, p. 17.

¹⁵ Idem, *ibid*, p. 37.

“Até quando irás arder?”

*Como cobrir teu fulgor,
Se houvesse mais de mil véus?
Tantos véus não bastariam
para eclipsar o teu rosto.¹⁶*

Aqui, a poesia oculta e revela o Amado, demonstrando a tensão existente no caráter paradoxal do sagrado. A busca do Amado é metaforicamente sexualizada através do simbolismo do fogo que causa “temor e tremor”, ou seja, fascina e aterroriza, como no ato sexual, em que o elemento de mistério se faz presente, do aniquilamento e da plenitude dos egos perante a dissolução dos opostos nos mares ardentes da poesia mística.

San Juan de la Cruz passou também pela privação, ficando nove meses encerrado em uma cela, demonstrando o aspecto de aniquilamento do ego do místico como provação, que passa da noite escura para a luz total. O segundo momento da poesia de San Juan de la Cruz trata precisamente da luminosidade contemplativa, do calor do amor de Deus, posterior à “Noite escura da alma”. A erotização do amante e do Amado revela-se de forma arrebatadora em “Chama de Amor viva”, mostrando a visibilidade e a plasticidade do amor em letras de fogo. A busca do Amado é a força de Eros que impulsiona o místico a cair no “mysterium tremendum”. O amor humano, carnal, funciona como metáfora da relação entre o homem e Deus:

*Ó chama de amor viva,
que ternamente feres
dessa minha alma o mais profundo centro!
Se já não és esquiva,
acaba já, se queres,
ah! Rompe a tela deste doce encontro!¹⁷*

¹⁶ Idem, ibid, p. 45.

¹⁷ JOÃO DA CRUZ, Santo.(1542-1591). *Juan de la Cruz: pequena antologia amorosa.* / trad e apresentação de Marco Lucchesi. – Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000, p.48.

Aqui, aparece a vulnerabilidade do apaixonado, a ferida e a chaga do amor perante o Amado, em que domina as frases nominais e exclamativas. A fusão do prazer e da dor, a atração e a repulsão nos leva mais uma vez ao objeto numinoso. A luz também produz o seu oposto, revelando a sombra, o inaudito, que é o indizível da experiência poética. Semelhante ao Sol, a *poesis* não pode alcançá-lo impunemente. A linguagem erotiza-se para que o fluxo do inefável fira ardentemente a essência da vida. O assombro, o anestesiamento e a falta de consciência que o “numinoso” produz é comparável não só ao êxtase místico, como à tentativa de se desnudar as imagens insólitas que permeiam os poemas de San Juan de la Cruz. Assim, a “necessidade da poesia nasce da impossibilidade da filosofia em expor o infinito”, afirmou Schlegel.¹⁸

O estado de privação e negação pelo qual San Juan de la Cruz passou proporciona o momento de entrega total. Dessa forma, não deixa de apresentar componentes sado-masoquistas dos elementos paradoxais em sua poesia: “Ó chama de amor viva, /que ternamente feres”, reportando-nos à imagem do cautério incandescente que provoca a destruição do tecido da pele, como podemos ver na segunda estrofe do poema:

*Ó cautério suave!,
ó regalada chaga!,
ó mão tão leve, ó toque delicado!,
que a vida eterna sabe,
a dívida selada!
Matando, a morte em vida transformada.*¹⁹

O toque do Amado é delicado, mas também destrutivo, demonstrando o duplo aspecto do “tremendum” e “fascinans” no objeto numinoso. O aniquilamento do amante no Amado é feito de exacerbado erotismo, de foga paixão, na qual os símbolos e eufemismos sexuais têm uma força e presença avassaladoras, levando ao paroxismo da morte e da vida. Vida que surge a partir da

¹⁸ apud SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e representação: ensaios*/ Arthur Nestrovski, Márcio Seligmann-Silva (orgs.). __São Paulo: Escuta, 2000, p. 81.

¹⁹ Idem, *ibid*, p. 49.

ascese mística, pois o fogo divino abarca e abrasa o homem totalmente, matando-o e transportando-o para uma nova vida. Dessa forma, Odilão Moura afirma: “Ora, já sabemos todos, desde a palavra de São Paulo, que terrível coisa é cair nas mãos de Deus vivo...”²⁰

O mesmo Deus vivo que mata, recria a partir do fogo criativo, o amor que faz viver, acender a palavra através da erotização. O apelo do fogo é um instinto de vida e de morte. Bachelard diz: “O amor, a morte e o fogo são unidos num mesmo instante”.²¹

O calor íntimo dessa união produz imagens hiperbólicas da luminosidade Divina:

*Ó lâmpadas de fogo,
em cujos resplendores
as profundas cavernas do sentido,
que estava escuro e cego,
com estranhos primores
calor e luz dão junto ao seu Querido!*²²

Depois do abrasamento total, a tranqüilidade de uma chama viva e vibrante que mora no interior do místico, inebriado da delicadeza do Amado, leva-nos para o espaço da “fascinante” descoberta após a experiência aterrorizadora do “tremendum, que é a luminosidade total, que pode cegar aqueles que não estão preparados para esse doce encontro:

*Quão manso e amoroso
despertas em meu seio,
lá onde tu secretamente moras,
nesse aspirar gostoso
de bem e glória cheio,
quão delicadamente me enamoras.*²³

²⁰ MOURA, Odilão. *S. João da Cruz, o mestre do amor*. – São Paulo: GRD, 1991, p.XVI.

²¹ Idem, *ibid*, p. 27.

²² Idem, *ibid*, p. 49.

²³ Idem, *ibid*, p. 49.

Portanto, as imagens do fogo, da chama e do calor, revelam-nos o aspecto numinoso da experiência mística, que se reflete com luz não menos abrasadora nos versos desses poetas místicos, que buscam o Amor como forma de contemplação do Amado.

BIBLIOGRAFIA:

- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas: de Maomé à idade das reformas. Tomo III*. Zahar editores, RJ: 1984.
- JALAL AD-DIN RÛMÎ, Maulâna (1207-1273). *A sombra do amado. Poemas de Rûmî*. (organizado por Marco Lucchesi). – Rio de Janeiro: FISUS, 2000.
- _____. *Poemas místicos*; seleção de poemas do Divan de Shams – i Tabriz; tradução e introdução de José Jorge de Carvalho. – São Paulo: Attar, 1996.
- JOÃO DA CRUZ, Santo.(1542-1591). *Juan de la Cruz: pequena antologia amorosa*. / trad e apresentação de Marco Lucchesi. – Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.
- _____. *Poesias completas*; trad. Maria Salete Bento Cicaroni. – São Paulo: Consejería de Educación de la Embajada de España, 1991.
- LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Dirigido por René Latourelle e Rino Fisichella; trad. de Luiz João Baraúna. – Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994.
- LEWIS, Ion M. *Êxtase religioso*. Editora Perspectiva: SP, 1997.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia. Tomo IV (Q-Z)*. Edições Loyola: SP, 2001.
- MOURA, Odilão. *S. João da Cruz, o mestre do amor*. – São Paulo: GRD, 1991.
- OLIVEIRA, Vitória Peres de. *Poesia mística: umbral entre dois mundos*. In: Poesia sempre. Ano 9, número 14/ agosto de 2001, Rio de Janeiro
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Edições 70: Lisboa, s/d.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- _____. *Signos em rotação*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SELIGMANN_SILVA, Márcio. *Catástrofe e representação: ensaios*/ Arthur Nestrovski, Márcio Seligmann-Silva (orgs.). __São Paulo: Escuta, 2000.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1975.